

# “A Família como Espelho” - Um Estudo sobre a Moral dos Pobres

Sarti, Cynthia A.

Campinas, Editora Autores associados; 1996

---

*Rita de Cássia Gonzaga Martorelli<sup>1</sup>*

(...)”Um homem se humilha se castram seus sonhos  
Seu sonho é sua vida e a vida é o trabalho  
e sem o seu trabalho um homem não tem honra  
e sem a sua honra, se morre se mata  
não dá para ser feliz”(...)

(Guerreiro Menino) - Gonzaguinha

A poesia de Gonzaguinha retratou, em uma de suas canções, a figura do guerreiro identificado com o trabalhador, exaltando o trabalho como condição “sine qua non” para a honra deste guerreiro. No trabalho, está contido o sonho, a vida e, sem ele, o que se encontra é a ausência desta vida. Um homem (assim como uma mulher) encontra sua realização através de sua força de trabalho, sua produção. Percebemos que a arte não só imita a vida, como, muitas vezes, a retrata tal como ela é. Cynthia Sarti, assim como o poeta, traz no bojo de seu trabalho - onde se propõe a fazer um estudo sobre a moral dos pobres, utilizando a família como via de acesso - a idéia de que a identidade masculina está diretamente associada ao valor do trabalho, forjando um jeito de ser homem, como a autora mesmo coloca, uma condição de sua autonomia moral.

---

<sup>1</sup> Mestranda em Serviço Social pela PUC/Rio

A discussão desta "moral" é, sem dúvida alguma, uma significativa contribuição que este trabalho traz para as ciências sociais, focalizando as classes subalternas e a interpretação que fazem de sua experiência de vida, expressa através de normas e valores. Muito se tem discutido sobre a pobreza e o trabalho no Brasil, porém, quando a vertente é a família e o assunto marcadamente subjetivo como a moral, notamos a ausência de uma discussão mais profunda, o que reforça a riqueza deste estudo. Trabalhar a subjetividade é, sem dúvida, o grande desafio colocado para as ciências sociais na atualidade.

A pesquisa feita por Sarti, junto a famílias da periferia da grande São Paulo, retrata o dilema vivido por esta população, composta, em sua grande maioria, por migrantes nordestinos de origem rural que, apesar de estarem vivendo num grande centro, o fazem sem ter condições de usufruir das possibilidades de um dos polos mais modernos do Brasil, por sua situação de pobreza. Assim como há ambigüidade entre os valores "modernos" e os que trazem arraigados em sua cultura. A força simbólica de padrões patriarcais, onde o homem exerce a mediação com o mundo externo, em sua autoridade masculina, mostra-se, nesta população, bastante presente. Os lugares do homem e da mulher são colocados na discussão como bastante diferenciados. O homem como chefe da família e a mulher como chefe da casa. Mesmo em famílias onde a mulher é a provedora, o lugar do homem é um espaço desejoso de preenchimento, sendo uma importante referência familiar.

Tudo isto nos leva a refletir o quanto ainda encontram-se presentes valores patriarcais, apesar de toda a discussão em relação às questões de gênero e do grande movimento das mulheres, que vem deixando sua marca na história como uma trajetória de luta pelo reconhecimento do lugar da mulher na sociedade, além do espaço do privado. E de como estas coisas caminham *pari passu* numa realidade recheada de contradições.

O homem é definido pelo seu papel de provedor, tendo o seu trabalho não só valor econômico, como moral. A ética do trabalho dá valor positivo aos pobres e trabalhadores, categorias entendidas de forma imbricada neste universo simbólico. Sarti não opta por uma análise que utiliza a perspectiva da "exploração"; mas trabalha com a subjetividade presente no discurso da população entrevistada, onde o trabalho assume o valor

através da honra, sendo instrumento fundamental de afirmação pessoal e social. E o homem, além de provedor, traz como fundamental a marca da família, o ser pai-de-família é complementar à imagem masculina traçada pela população pesquisada. Família esta constituída marcadamente numa rede de solidariedade.

O trabalho feminino ganha, nesta ótica, contornos de complementariedade. Deve-se, no entanto, relativizar esse dado, já que não pode ser generalizado, correspondendo à realidade encontrada pela autora na população estudada. A dupla jornada de trabalho é um outro dado relativo à atividade feminina, sendo que a mulher trabalha quando há precisão, quando não existe a figura do provedor ou este não dá conta do sustento da família.

Sarti trabalha na perspectiva das diferenças complementares entre homem e mulher, na oposição entre os mesmos, não encarando, em sua análise a dimensão relacional, simplificando o fenômeno relativo aos papéis femininos e masculinos.

Indo além dessas questões, percebemos que o trabalho do homem e da mulher é, sem dúvida, nesta visão, o que dá sentido à existência desta população, o que lhe confere a honra do "ser trabalhador", o que nos leva à reflexão inicial deste comentário. Cresce, então, uma preocupação diante da situação social e econômica do país, de crescente pobreza e galopante desemprego: que honra resta a esta população? Como encarar a situação de miséria vivenciada no dia a dia pela falta de condições básicas de sobrevivência, onde a política governamental caminha para o estado mínimo objetivado pelos neoliberais? Nós, os "neo-bobos", não podemos deixar que a culpa da miséria seja, mais uma vez, dos miseráveis. Que dimensões o subemprego e o desemprego, crescente situação de grande parcela de "pobres" brasileiros, não assumem quando nos deparamos com esta pesquisa? A resposta não pode ser de indiferença e apatia. A indignação deve ganhar espaço para que soluções possam ser vislumbradas.

Cabe aos pesquisadores da "área social", cada vez mais, caminharem na busca do conhecimento dessa população, para que as medidas a serem tomadas possam, realmente, trazer a felicidade aos guerreiros e que o sonho não se perca. Trabalhar a subjetividade é algo essencial. É necessário aprofundar estas e outras reflexões que nos levem ao conhecimento de

como vive o povo brasileiro. Sarti nos dá pistas e mostra um caminho bastante peculiar que escolheu para analisar esta questão. Um entre tantos outros que poderão vir. Que venham.